

Fundamentalismo de mercado



Por **RICHARD D. WOLFF**

O fundamentalismo de mercado mantém um “otimismo” bastante paralelo ao que as religiões fundamentalistas atribuem aos profetas e divindades

Uma ordem mundial em mudança, um império dos EUA em declínio, migrações e mudanças demográficas relacionadas e grandes quebras econômicas aumentaram os fundamentalismos religiosos em todo o mundo. Além das religiões, outros fundamentalismos ideológicos também fornecem garantias que são amplamente acolhidas. Um deles – o fundamentalismo de mercado – convida e merece críticas como um grande obstáculo para navegar neste momento de rápidas mudanças sociais. O fundamentalismo de mercado atribui a essa instituição social particular um nível de perfeição, mantendo um “otimismo” bastante paralelo ao que as religiões fundamentalistas atribuem aos profetas e divindades.

No entanto, os mercados são apenas um entre muitos meios sociais de racionamento. Qualquer coisa escassa em relação à demanda levanta a mesma questão: quem vai conseguir e quem deve ficar sem ela? O mercado é uma forma institucional de racionar o item escasso. Em um mercado, uns fazem com que o preço aumente levando outros a desistir porque não podem ou não vão pagar o preço mais alto. Quando os preços mais altos eliminam o excesso de demanda sobre a oferta, a escassez desaparece e não é mais necessário licitações. Aqueles capazes e dispostos a pagar os preços mais altos ficam satisfeitos ao receber distribuições da oferta disponível.

O mercado racionou, assim, a escassa oferta. Determinou quem recebe e quem não recebe. Claramente, quanto mais rico for um comprador, maior a probabilidade de ele acolher, endossar e celebrar “o sistema de mercado”. Os mercados favorecem os compradores ricos. Esses compradores, por sua vez, provavelmente apoiarão professores, clérigos, políticos e outros que promovem argumentos de que os mercados são “eficientes”, “socialmente positivos” ou “melhores para todos”.

No entanto, mesmo a profissão de economista – que rotineiramente celebra os mercados – contém uma literatura considerável, mas não enfatizada – sobre como, por que e quando os mercados livres (ou seja, não regulamentados) não funcionam de forma eficiente ou socialmente positiva. Essa literatura desenvolveu conceitos como “concorrência imperfeita”, “distorções de mercado” e “externalidades”, para identificar mercados que não conseguem ser eficientes ou beneficiar o bem-estar social.

Os líderes sociais que tiveram que lidar com mercados reais na sociedade também entrevieram repetidamente quando e porque os mercados funcionavam de maneiras socialmente inaceitáveis. Assim, temos leis de salário-mínimo, leis de taxa de juros máxima, leis de tabelamento de preços e guerras tarifárias e comerciais. As pessoas práticas sabem que “deixar as coisas para o mercado” muitas vezes produziu desastres (por exemplo, os crashes de 2000, 2008 e 2020) superados pela regulação e intervenção governamentais maciças e sustentadas nos mercados.

Então, por que os fundamentalistas de mercado celebram um sistema de racionamento – o mercado – que, tanto na teoria quanto na prática, está mais repleto de buracos do que um bloco de queijo suíço? Os liberais econômicos chegam ao ponto

a terra é redonda

de promover uma economia de mercado “puro” teórico afirmando que se trata de uma utopia realizável. Tal sistema de mercado puro imaginário é a base teórica de sua política para consertar os enormes problemas que admitem existir no capitalismo contemporâneo (impuro). Tais liberais estão sempre frustrados com a própria falta de sucesso.

Por muitas razões, os mercados não devem reivindicar a lealdade de ninguém. Entre os sistemas alternativos de escassez de racionamento, os mercados são claramente inferiores. Por exemplo, em muitas tradições religiosas, éticas e morais, preceitos básicos insistem ou insistem que a escassez seja enfrentada por um sistema de racionamento baseado em seus respectivos conceitos de necessidade humana. Muitos outros sistemas de racionamento – incluindo a versão americana usada na Segunda Guerra Mundial – dispensaram o sistema de mercado e substituíram um sistema de racionamento baseado em necessidades, o qual era gerenciado pelo governo.

Os sistemas de racionamento também podem ser baseados em idade, tipo de trabalho realizado, situação empregatícia, situação familiar, condições de saúde, distância entre casa e local de trabalho ou outros critérios. A sua importância em relação uns aos outros e em relação a alguma noção composta de “necessidade” poderia e deveria ser determinada democraticamente. De fato, uma sociedade genuinamente democrática permitiria que o povo decidisse quais (se houver) escassez deveria ser racionada pelo mercado e quais (se houver) por sistemas alternativos de racionamento.

Os fetichistas do mercado certamente levarão as suas racionalizações favoritas para encher a cabeça dos alunos. Por exemplo, eles argumentam que, quando os compradores aumentam os preços de itens escassos, outros empreendedores correm com mais oferta para capturar esses preços mais altos, acabando com a escassez. Esse argumento simplório não consegue entender que os empresários que lucram com os preços mais altos de itens escassos têm todos os incentivos e muitos dos meios para impedir, atrasar ou bloquear completamente a entrada de novos fornecedores. O histórico real dos negócios mostra que eles geralmente fazem isso com sucesso. Em outras palavras, as garantias sobre as reações aos preços de mercado consistem em ruídos ideológicos e pouco mais.

Também podemos pegar os fetichistas do mercado em suas próprias contradições. Ao justificar os pacotes salariais altíssimos dos CEOs das megaempresas, dizem-nos que sua escassez exige seus altos preços. As mesmas pessoas nos explicam que, para superar a escassez de mão de obra assalariada, era necessário cortar o suplemento de desemprego dos trabalhadores americanos da era da pandemia, e não aumentar seus salários. Em tempos de escassez, os mercados muitas vezes revelam aos capitalistas a possibilidade de obter maiores lucros com volumes menores de produtos e vendas. Se eles priorizarem os lucros e quando puderem barrar a entrada dos outros, produzirão e venderão menos a preços mais altos para uma clientela mais rica. Estamos vendo esse processo se desenrolar nos Estados Unidos agora.

A virada neoliberal no capitalismo norte-americano a partir dos anos 1970 rendeu grandes lucros a partir de um sistema de mercado globalizado. No entanto, fora da alcada da ideologia neoliberal, esse mercado global catapultou a economia chinesa para a frente muito mais rápido do que os Estados Unidos e muito mais rápido do que os Estados Unidos acharam aceitável. Agora, não.

Por isso, agora, os Estados Unidos descartaram suas celebrações de mercado (substituindo intensas preocupações de “segurança”) para justificar intervenções governamentais maciças nos mercados para impedir o desenvolvimento chinês: uma guerra comercial, guerras tarifárias, subsídios a chips e sanções. De forma desajeitada e pouco persuasiva, a profissão econômica continua ensinando sobre a eficiência do mercado livre ou puro, enquanto os alunos aprendem com as notícias tudo sobre o protecionismo dos EUA, a gestão do mercado e a necessidade de se afastar dos deuses do livre mercado anteriormente venerados.

Também o sistema de saúde dos Estados Unidos desafia o fundamentalismo de mercado: os Estados Unidos têm 4,3% da população mundial, mas foram responsáveis por 16,9% das mortes por COVID-19 no mundo. Será que o sistema de mercado pode ter uma parcela significativa de culpa e culpa aqui? Tão perigosa é a potencial ruptura do consenso ideológico que se torna vital evitar fazer a pergunta, quanto mais buscar uma resposta séria.

a terra é redonda

Durante a pandemia, milhões de trabalhadores foram informados de que eram “essenciais” e “heróis da linha de frente”. Uma sociedade grata os apreciava. Como muitas vezes observaram, o mercado não os recompensou de acordo. Recebiam salários muito baixos. Eles não eram escassos o suficiente para comandar mais dinheiro. É assim que os mercados funcionam. Os mercados não recompensam o que é mais valioso e essencial. Nunca o fizeram. Eles recompensam o que é escasso em relação à capacidade de compra das pessoas, não importa a importância social que damos ao trabalho real e aos papéis que as pessoas desempenham. Os mercados se voltam para onde o dinheiro se encontra e onde ele cresce rápido. Não é à toa que os ricos subsidiam o fundamentalismo de mercado.

A pergunta é porque o resto da sociedade acredita ou tolera isso?^[1]

Richard D. Wolff é economista. Fundou o portal [Democracy at Work](#). Autor, entre outros livros, de [Capitalism's Crisis Deepens](#) (Haymarket books).

Tradução: **Eleutério F. S. Prado**.

Publicado originalmente no portal [Counterpunch](#).

Nota do tradutor

[1] A resposta implícita poderia ter vindo em sequência: porque há alienação e propaganda alienante contínua; porque os ricos têm o poder na democracia liberal.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[**CONTRIBUA**](#)